

2 Extinta a Portobrás, Márcia perdeu emprego, parou de ir à Dimpus, que pediu concordata...

José Rezende Jr.

BRASÍLIA — “As reclamações devem ser encaminhadas à Casa da Dinda”. Desde março, é assim que o casal de desempregados José Luiz e Márcia Seve Gomes responde às reivindicações dos quatro filhos, nostálgicos dos sanduíches Big-Macs, das camisetas *Pakalolo* e dos tênis *Reebok* perdidos. O próprio José Luiz, 38 anos, engenheiro calculista demitido em abril da Themag, reclama que já não tem prazer em ir às compras no Carrefour depois que bebidas, frios e queijos foram riscados da lista. Ex-funcionária da extinta Portobrás, a administradora de empresas Márcia, 38 anos, é uma involuntária co-responsável pela concordata da Dimpus: há oito meses, não compra uma única peça sequer naquela que já foi a sua loja preferida.

“Somos o engenheiro que virou salgado e a administradora que virou doce”, brinca Márcia, referindo-se à *Boquinha*, casa de quitutes inaugurada em maio em parceria do marido e com ajuda financeira dos pais do casal. Mas a *Boquinha* também não escapou da recessão: ainda não deu um centavo de lucro e amarga queda de 40% na venda de doces e de 20% na de salgadinhos, em relação a maio. José Luiz, que ganhava o equivalente a Cr\$ 400 mil, e Márcia, que recebia Cr\$ 220 mil da Portobrás, sobrevivem hoje com as providenciais ajudas paternas.

A recessão espantou também o casal do intenso convívio social de outrora, movido a frios e uísque. “Hoje, nós nem recebemos e nem somos convidados para reunião alguma”, constata José Luiz. O desemprego afastou o casal do circuito de bares e restaurantes, como o Piantella, especializado em cozinha francesa. A deserção das vítimas da crise obrigou o dono do restaurante, empresário Marco Aurélio Costa, a

conviver com uma queda geral de 40% no movimento.

“Estou trabalhando só para sustentar a família e manter o negócio vivo. Ganhar dinheiro, nem pensar”, afirma Costa, lamentando a queda “bárbara” na margem de lucros. “Quem tomava dez uísques escoceses, hoje toma só dois. Quem tomava um, partiu para o chopinho. Com a comida, é a mesma coisa: agora, todo mundo pede um único prato para duas pessoas”, conta.

Com a queda nas vendas, Costa foi obrigado a reduzir também o volume de compras junto a todos os seus fornecedores, como a sofisticada Casa Ouro, a mais tradicional *delikatessen* da capital da República. “Este mês, devemos vender 60% menos que em dezembro do ano passado”, afirma o empresário Alfredo Alasmar, dono da Casa Ouro. Alemães e escoceses são duas nacionalidades banidas do carrinho de bebidas que Márcia e José Luiz mantêm na sala do apartamento. “É só para compor a decoração”, brinca José Luiz, apontando para as garrafas vazias — ou quase — de vodcas, vinhos e licores nacionais.

“O que dói, de verdade, não é abrir mão do supérfluo”, lembra José Luiz. “O duro é ouvir Collor com seu discurso de colocar o Brasil no Primeiro Mundo e ver gente que se preparou durante tantos anos para ser engenheiro acabar fazendo doce”, desabafa.

Os filhos Rafael, 14 anos, André, 12, Fernando, 10, e Marcelo, 8, lamentam mesmo é o Natal sem presentes e sem festa. Tiveram as mesadas cortadas. Como se não bastasse, as férias deste ano terão um destino muito mais modesto que as de 1986, quando toda a família embarcou de avião para o Nordeste — Guarapari (ES), de ônibus e com hospedagem na casa dos avós.

Brasília — João Ramid



Márcia e João: a loja de doces ainda não deu um centavo de lucro